

**Sintomas associados a transtornos mentais comuns no contexto universitário**  
**Symptoms associated with common mental disorders in the university context**  
**Síntomas asociados a los trastornos mentales comunes en el contexto universitario**

Recebido: 06/11/2020 | Revisado: 14/11/2020 | Aceito: 17/11/2020 | Publicado: 22/11/2020

**João Cruz Neto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0972-2988>

Universidade Regional do Cariri, Brasil

E-mail: [enfjencruz@gmail.com](mailto:enfjencruz@gmail.com)

**Emanuel Messias Silva Feitosa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5278-3105>

Universidade Regional do Cariri, Brasil

E-mail: [emfeitosa2017@gmail.com](mailto:emfeitosa2017@gmail.com)

**Antonio Coelho Sidrim**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3102-7057>

Universidade Regional do Cariri, Brasil

E-mail: [acsidrim@gmail.com](mailto:acsidrim@gmail.com)

**Jacieliton Martins Teles da Silva Morais**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0199-3270>

Universidade Regional do Cariri, Brasil

E-mail: [jacielitonmar@gmail.com](mailto:jacielitonmar@gmail.com)

**Cleide Correia de Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8135-449X>

Universidade Regional do Cariri, Brasil

E-mail: [cleide27oliveira@gmail.com](mailto:cleide27oliveira@gmail.com)

**Resumo**

**Objetivo:** identificar sintomas associados a transtornos menores psicóticos em estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do interior cearense.

**Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, transversal e abordagem quantitativa, desenvolvido de abril a maio de 2019 com 75 estudantes de graduação utilizando a adaptação do questionário de identificação de transtornos mentais comuns (TMC). **Resultados:** A

prevalência de TMC na população foi de (49%), entre 18 a 23 anos (84%), com sintomas somáticos em (32%) da população e decréscimo de energia (29%) além de depressão e/ou humor ansioso com prevalência nos primeiros semestres da graduação (39%). **Conclusão:** Os TMC são problemas importantes para indivíduos jovens e que estão no ensino superior. Ressalta-se a necessidade de intervenções na comunidade acadêmica, por parte da gestão, funcionários, profissionais e estudantes com foco no empoderamento e tratamento das causas base dos transtornos.

**Palavras-chave:** Transtornos Mentais; Estudantes; Assistência à Saúde Mental; Saúde mental.

### Abstract

**Objective:** was to identify symptoms associated with minor psychotic disorders in university students from a public Higher Education Institution (HEI) in the inland of Ceará.

**Methodology:** It is a descriptive, cross-sectional, quantitative approach, developed from April to May 2019 with 75 undergraduate students using the adaptation of the questionnaire for the identification of common mental disorders (CMD). **Results:** The prevalence of CMD in the population was (49%), between 18 and 23 years old (84%), with somatic symptoms in (32%) of the population and decrease of energy (29%) besides depression and/or anxious mood with prevalence, in the first semesters of graduation (39%). **Conclusion:** CMDs are an important problem for young people in higher education. The need for interventions in the academic community by management, employees, professionals and students with a focus on empowerment and treatment of the underlying causes of disorders is highlighted.

**Keywords:** Mental Disorders; Students; Mental Health Assistance; Mental health.

### Resumen

**Objetivo:** identificar síntomas asociados con trastornos psicóticos menores en estudiantes universitarios de una institución pública de educación superior (IES) en el interior de Ceará.

**Metodología:** Es un enfoque descriptivo, transversal y cuantitativo, llevado a cabo de abril a mayo de 2019 con 75 estudiantes universitarios que utilizan la adaptación del cuestionario para la identificación de trastornos mentales comunes (CMD). **Resultados:** La prevalencia de CMD en la población fue (49%), entre 18 y 23 años (84%), con síntomas somáticos en (32%) de la población y disminución de la energía (29%) además de depresión y/o estado de ánimo ansioso con prevalencia, en los primeros semestres de graduación (39%). **Conclusión:** Las CMD son problemas importantes para los jóvenes que están en la educación superior. Se

destaca la necesidad de intervenciones en la comunidad académica por parte de la gerencia, empleados, profesionales y estudiantes con un enfoque en el empoderamiento y el tratamiento de las causas subyacentes de los trastornos.

**Palabras clave:** Trastornos mentales; Estudiantes; Atención a la salud mental; Salud mental.

## 1. Introdução

A saúde mental é um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e é capaz de dar uma contribuição para sua comunidade. A saúde mental é fundamental para habilidade coletiva e individual de todo ser humano para pensar, se emocionar, interagir com outros, ganhar a vida e aproveitá-la (World Health Organization [WHO], 2020).

Vários fatores sociais, psicológicos e biológicos determinam o nível de saúde mental de uma pessoa. Nesse sentido, a reunião de sintomas somatoformes que deprimem o sistema nervoso e incidem em transformações neurobiológicas com quadros psicóticos, unidos à depressão e a ansiedade desencadeiam os Transtornos Mentais Comuns (TMC) com repercussão em vários aspectos da vida (Sousa, Freitas, Castro, Oliveira, Almeida, & Sousa, 2017).

Os transtornos mentais caracterizam-se pelos sinais e sintomas que dizem respeito a alteração de consciência, emoção, comportamento, pensamento, memória e percepção, que podem acarretar em prejuízos no autocuidado, qualidade de vida, relacionamentos, comprometimento social e ocupacional (Borba, Maftum, Vayego, Mantovani, Felix, & Kalinke, 2018). Deste modo, ainda se encontram os desconfortos evidenciados pelas frustrações de vida, perdas e o processo de morte que, culturalmente, está presente dentro dos segmentos sociais (Portugal, Campos, Gonçalves, Mari, & Fortes, 2016).

Os Transtornos Mentais Não-Psicóticos (TMNP) compreendem os Transtornos Mentais Comuns (TMC), transtornos de humor, episódios de humor, transtornos por abuso de substâncias, transtornos de ansiedade, alimentares, stresse, *burnout* e somatoformes (Tenório, Argolo, Sá, Melo, & Costa, 2016). Os fatores socioeconômicos estão diretamente relacionados com o desenvolvimento ou não dessas patologias, sendo a depressão e a ansiedade aqueles com as maiores incidências devido aos danos funcionais, risco de suicídio e o desenvolvimento de outras comorbidades (Barbosa, Vasconcelos, & Oselame, 2016).

Estudos apontam que em termos de anos de vida, por incapacitação, os transtornos mentais estarão atrás somente das doenças isquêmicas e cardíacas, o que reforça a ideia de

que o sujeito é tão vulnerável ao seu processo de adoecimento como os órgãos e os sistemas são da patologia (Guirado & Pereira, 2016). Por isso, estudos revelam a prevalência de TMC em pessoas com Diabetes Mellitus (DM), Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Acidente Vascular Cerebral (AVC), factos estes que podem se apresentar ainda na graduação (Silva, Robazzi, Dalri, Monteiro, & Mendes, 2018).

Segundo Ariño e Bardagi (2018), estudos têm demonstrado que transtornos mentais como depressão, ansiedade e stress, além dos TMC, possuem prevalência dentre universitários. Além disso, os TMNP neste público é significativamente maior que na população geral, isso se deve a questões como o curso e a área que o estudante está inserido, o período, a carga horária extensa, nível de exigência, dentre outros fatores, que se configuram como situações estressantes que demandam do estudante uma forma de organização de tempo e estratégias de estudo.

Nesse sentido, durante a graduação, os estudantes sofrem grande prejuízo no domínio psicológico, trazendo-lhes importantes implicações, sendo a principal delas no estilo de vida do sujeito que está ligado aos comportamentos modificáveis e que causam impactos profundos no desempenho estudantil (Bührer, Tomiyoshi, Furtado, & Nishida, 2019).

O período de graduação apresenta-se como uma fase de risco para os universitários, seja devido aos fatores que corroboram para o stress, hábitos de vida e a pouco ou nenhuma pratica de atividade física nesse período (Tenório et al., 2016). Ressalta-se que os domínios físicos e psicológicos são os mais afetados durante a vida acadêmica, influenciando diretamente na qualidade em saúde e nos processos cognitivos que desencadeiam os TMC (Santos, Ribeiro, Boery, & Boery, 2017).

O sofrimento psíquico e a tensão emocional do universitário têm princípios não só organizacionais, mas também, sob as relações familiares conflitantes onde se identifica as necessidades do indivíduo e se condiciona as intervenções necessárias para o enfrentamento da doença mental (Guirado & Pereira, 2016, Tenório et al., 2016).

Ressalta-se que o suicídio já é a terceira causa de morte em estudantes universitários e que a ideação suicida pode estar ligada a diferentes causas multifacetadas, incluindo o stress das provas, trabalhos e aprendizados da universidade (Fernandes, Ferreira, e Castro, 2016). A insatisfação com a vida e o declínio dos domínios físicos corroboram para a autoimagem negativa e facilita o desencadeamento dos TMC (Martins, Nascimento, Souza, Sá, Feres, Soares, & Ferreira, 2016).

É dentro do espaço universitário que as ferramentas para promoção da saúde mental são desenvolvidas, por meio do uso de espaços comunitários com ações e serviços

substitutivos que tem por finalidade ressignificar processos e estimular a inclusão, utilizando-se da lógica do *recovery* (Nascimento & Leão, 2019).

Estudos apontam a crescente procura de universitários a serviços de atendimento à saúde mental logo após terem sido admitidos na universidade (Lima, Ramos-Cerqueira, Dantas, Lamardo, & Reis, 2017). Atitudes como essa, denotam a necessidade de uma luta diária para estímulo as atividades de superação, pois, com o passar dos anos, as incapacidades físicas passam a ser o marco para o desenvolvimento de TMC (Hellwig, Munhoz, & Tomasi, 2016).

Destaca-se que os TMC denotam uma preocupação real no adoecimento de estudantes universitários e acomete diferentes faixas etárias, por isso há uma necessidade de identificar precocemente com fins específicos de intervenção e promoção da saúde. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi identificar sintomas associados a transtornos menores psicóticos em estudantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do interior cearense.

## **2. Metodologia**

Trata-se de um estudo quantitativo de cunho transversal em que o agrupamento de repostas dá-se pelo espaço amostral e pela aplicação de fenômenos numéricos dado um determinado período de tempo (Pereira, Shitsuka, Parreira, & Shitsuka, 2018). Nesses estudos, a incidência é medida pela proporção de um grupo inicialmente livre de uma condição clínica e que a desenvolve depois de um período determinado de tempo (Esperón, 2017).

### **Participantes e local de estudo**

O estudo foi desenvolvido em uma Instituição de Ensino Superior (IES), localizada no interior cearense, no período de abril a maio de 2019. A amostra foi não probabilística e teve o quantitativo de 75 universitários regularmente matriculados nos cursos de graduação da universidade, maiores de 18 anos, que aceitaram participar do estudo. Esses indivíduos foram abordados em uma ação de intervenção na universidade e estavam em atividades laborais durante o intercurso da pesquisa.

## **Instrumentos**

O instrumento utilizado para avaliação dos entrevistados foi o *Self-Report Questionnaire – SRQ-20* desenvolvido originalmente por (Harding et al,1980) e foi adaptado para uso no Brasil (2014), onde o mesmo realiza uma avaliação diagnóstica indagatória de transtornos mentais comuns. Caracterizados por sintomas não psicóticos, entre eles: insônia, nervosismo, dores de cabeça, irritabilidade, fadiga, esquecimento, falta de concentração, queixas somáticas inespecíficas (Borba et al., 2018).

Esse instrumento foi validado no Brasil (Gonçalves, Stein, & Kapczinski, 2008) e é composto por 20 questões dicotômicas (sim/não) para cada alternativa, em que o “sim” corresponde a um ponto. Os scores estão relacionados a sintomas físicos e psicoemocionais, sendo útil na classificação de possíveis casos e não casos. Para ponto de corte dos dados foi definido em 7/8. O trabalho contou com dimensões específicas presentes no questionário identificadas em quatro fatores (I- humor ansioso e depressivo; II – sintomas somáticos; III – decréscimo de energia; IV – pensamentos depressivos) (Guirado & Pereira, 2016).

## **Procedimentos e metodologia de análise**

Para a análise de dados, foi utilizado o *software* Microsoft Excel 2013<sup>®</sup> e interpretados pela estatística descritiva com formulação de tabelas. Além disso, os resultados foram agrupados segundo os cursos e as respostas dos participantes de acordo com o score apresentado. Para fins estatísticos, utilizou-se o programa *Predictive Analytics Software* (PASW<sup>®</sup> versão 18.0). Foram utilizadas análises descritivas incluindo frequência absoluta e relativa, além da análise inferencial que obtém conclusões com base em amostras, de modo que as informações possam ser expandidas para o todo, utilizando-se a seguinte fórmula:  $IC\mu = x \pm 1,96 s/\sqrt{n}$  (Rebula, 2017). O nível de significância utilizado foi de 95%.

Após a apresentação e esclarecimentos sobre o estudo, os estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) identificando a participação voluntária na pesquisa. O estudo seguiu todos os aspectos éticos no que concerne às recomendações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, referentes às pesquisas envolvendo seres humanos, com parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de nº 2.654.249 da Universidade Regional do Cariri.

### 3. Resultados e Discussão

Participaram do estudo 75 estudantes, com maioria do sexo feminino 56 (75%), entre 18 a 23 anos que correspondiam à 63 (84%) universitários. O número de sintomas, ponto de corte, faixa etária, cursos e semestres estão ilustrados na Tabela 1.

**Tabela 1-** Representação dos dados da pesquisa, Crato- CE, 2020.

<b>Sexo</b>	<b>n</b>	<b>f</b>	<b>i</b>
Masculino	19	25%	19 ± 20%
Feminino	56	75%	56 ± 7%
<b>Faixa Etária</b>			
18-23	63	84%	63 ± 5%
24-29	6	8%	6 ± 39%
30-53	6	8%	8 ± 39%
<b>Cursos</b>			
Biologia	3	4%	3 ± 56%
Economia	11	15%	11 ± 27%
Enfermagem	13	17%	13 ± 25%
Pedagogia	41	55%	41 ± 10%
Não especificado	7	9%	9 ± 36%
<b>Semestres</b>			
1-3	29	39%	29 ± 14%
4-7	27	36%	27 ± 15%
8-10	7	9%	7 ± 36%
Não especificado	12	16%	12 ± 26%
<b>Turno</b>			
Manhã	34	45%	34±13%
Noite	41	55%	41±10%
<b>Respostas “SIM”</b>			
Sim (≤7)	38	51%	38 ± 11%
Sim (>7)	37	49%	37 ± 12%
<b>Sintomas Apresentados</b>			
0-3	13	17%	13 ± 25%
4-7	24	32%	24 ± 17%
8-11	22	29%	22 ± 18%
12-15	11	15%	11 ± 27%
16-19	5	7%	5 ± 43%

Legenda: n (Frequência Absoluta); f (Frequência Relativa); i (Intervalo de Confiança).

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Os acadêmicos encontravam-se nos primeiros anos de bacharelado/licenciatura. A pesquisa recebeu voluntários dos cursos de pedagogia 41 (55%), enfermagem 13 (17%), economia 11 (15%) e biologia 3 (4%), nestes o intervalo de confiança apontou score de 10%,

25%, 27% e 56% respectivamente. A prevalência de transtornos mentais comuns na população foi de 37 (49%), conforme a Tabela 2.

**Tabela 2 - Representação dos fatores associados aos TMC, Crato-CE, 2020.**

<b>Dimensões específicas dos TMC</b>	<b>n</b>	<b>f</b>	<b>I</b>
<b>Humor ansioso e depressivo</b> Sentir-se tenso, nervoso ou preocupado; assustar-se com facilidade; sentir-se triste e chorar mais do que o costume	13	17	13±25
<b>Sintomas Somáticos</b> Dores de cabeça frequentes; dificuldade para dormir; desconforto estomacal; má digestão; falta de apetite e tremores nas mãos	24	32	24±17
<b>Decréscimo de energia</b> Cansaço; dificuldade na tomada de decisão; não sente satisfação nas tarefas; sofrimento no trabalho; cansaço diário e dificuldade de pensamento	22	29	22±18
<b>Depressão</b> Incapaz de desempenhar algo útil e a perda de interesse pelas coisas, sente-se inútil ou tem pensado em dar fim a vida	16	22	16±22

Legenda: n (Frequência Absoluta); f (Frequência Relativa); i (Intervalo de Confiança). Transtornos mentais comuns (TMC). Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Os cinco fatores identificados foram: relação de humor ansioso ou depressivo com 13 (17%), sintomas somáticos 24 (32%), decréscimo de energia 22 (29%), depressão 11 (22%). Dos dados obtidos os estudantes que tiveram o ponto de corte  $\leq 7$  foram 38 (51%). Ressalta-se que nenhum dos entrevistados apresentou a pontuação máxima do questionário.

O ambiente universitário promove várias transformações que podem ser negativas ou positivas, a depender do estímulo e da grande carga de stress, apreensão e angústias que são vivenciados no decorrer dos semestres. Nesse sentido, este estudo mostrou uma tendência na associação entre universitários e o desenvolvimento de doenças mentais.

Em estudo focal, observou-se que a maioria dos entrevistados se adequavam ao sexo masculino (Martins et al., 2016). Entretanto, esse estudo identificou prevalência do sexo feminino (75%), com maior exposição aos sintomas somáticos e decréscimo de energia quando relacionado aos transtornos mentais comuns. De acordo com Jacinto e Tolfo (2017),



as mulheres estão expostas ao adoecimento com mais facilidade que os homens, sendo provável o desenvolvimento de problemas psicoemocionais que estão associados ao fato de que os homens teriam mais dificuldade para expressar as questões emocionais e pessoais de qualquer natureza.

Quanto a idade, a prevalência era de estudantes de 18 a 23 anos (84%), fase que é reconhecida como um período de instabilidade emocional, com alterações físicas e psicossociais, que podem ser agravados com a mudança global de valores, pois é uma fase sensível a fatores que influenciam na transformação para pessoas adultas (Luz et al., 2018). Um estudo sobre a carga global de doenças em adolescentes e jovens de até 24 anos mostrou que, mundialmente, as três principais causas de anos de vida perdidos por incapacidade nessa faixa etária são, respectivamente, os transtornos neuropsiquiátricos (45,0%), as lesões não intencionais (12,0%) e as doenças infecciosas e parasitárias (10,0%) (Treichel et al., 2020).

Este estudo teve maior número de adeptos nos cursos de Enfermagem e Economia, espaços de ensino no qual as pesquisas apontam maior dificuldade de adaptação, por conta da carga horária, metodologias e/ou jornadas exaustivas (Cruz, Hatherly, Antunes, Camargo, & Aguiar, 2017). Assim também, o curso de pedagogia tem revelado uma alta carga de stress com adoecimentos que impactam diretamente na prática profissional (Penteado, & Neto, 2019).

Quanto maior o nível intelectual de uma população, menor é a prevalência de taxas de TMC (Sousa, Lôbo, Carvalho, & Vianna, 2019), fato este que corrobora com a população estudantil, onde o ingresso na universidade expõe os mesmos a diversos fatores que geram stress, desde sair de suas casas até a ansiedade de terminar o curso (Treichel et al., 2020). Por isso, é válida a afirmação que quanto maior o nível de estudo, maiores são as taxas de fatores estressantes, já que nessa pesquisa (39%) dos entrevistados eram de semestres iniciais.

Nesse estudo tivemos uma prevalência de TMC em 49% dos universitários, resultado semelhante ao encontrado em pesquisa sobre o rastreamento de TMC em estudantes 49,05%, com altas taxas de adoecimento mental pela inserção no contexto universitário e suas diferentes vulnerabilidades (Sousa et al., 2019).

Até 39% dos estudantes entrevistados apresentaram depressão e/ou humor ansioso. Esse índice possui causas que podem estar associadas, certas vezes, ao uso de drogas, desânimo, TDAH, angústia, transtorno de conduta e autismo com flash de psicose (Prado, & Bressan, 2016). Estudavam a noite 55% dos entrevistados e a depressão está presente em mais de 15% deles. Nos cursos noturnos aponta-se altos índices para o reconhecimento próprio de uma saúde mental inadequada (Santos et al., 2017).

Estudos mostram que as relações de humor em estudantes universitários têm relação com a ansiedade (13,2%). Esse transtorno acomete em graus variados os acadêmicos, seja em leve, moderado ou grave e se manifestam por nervosismo, indigestão e até a sensação de susto (Fernandes, Vieira, Silva, Avelino, & Santos, 2018). Esses dados convergem com aqueles encontrados nesta pesquisa, onde o resultado foi 17%. Outro estudo ainda afirma uma relação entre a ansiedade e dois principais fenômenos: confusão e tristeza, os quais também podem estar associados ao desenvolvimento de TMC (Maia & Dias, 2020).

Este estudo encontrou prevalência de sintomas somáticos em 32% dos participantes dentre eles destacando-se as dores de cabe, dificuldade para dormir e má digestão. Da mesma forma, estudo conduzido com 85 acadêmicos de ciclos profissionalizantes demonstrou que dificuldade para dormir/ dormir mal, desconforto estomacal e dores de cabeça são variáveis estatisticamente significantes para esta população (Oliveira et al.,2020).

De acordo com Aquino, Cardoso e Pinho (2019) os universitários têm dificuldade de tomar decisões, com pensamentos de autocrítica, com dificuldades de tomar decisões e baixa autoestima isso leva a enxergar o futuro com desesperança (25,6%). Nesse caso, percebe-se que a insatisfação com as tarefas diárias é um ponto importante na vida de universitários e está em conformidade com os achados desse estudo.

A depressão e os sintomas a ela associados estiveram presentes em 22% dos entrevistados nessa pesquisa. Estudos apontam que em acadêmicos, a depressão pode estar associada a quadros leves, onde 19,5% apresentam fadiga, irritabilidade e distúrbios do sono ou ainda desinteresse das coisas e a incapacidade de ser útil com pensamentos suicidas. Corroborando com os dados aqui encontrados. Além disso, a reclusão e a tristeza profunda fazem parte da rotina desses futuros profissionais (Fernandes et al., 2018; Aquino, Cardoso, & Pinho, 2019; Oliveira et al., 2020).

Populações universitárias têm maior quantidade de quadros depressivos e de ansiedade, nesse sentido, encontram-se altas prevalências com associações significativas entre o curso a que frequenta e o desfecho depressivo, seja leve, moderado ou grave (Lima et al.,2019). Estudo de Leão et al (2018) com média de alunos com 20 anos de idade, mostrou que a associação do período de graduação com o desenvolvimento de transtornos mentais comuns, principalmente depressão e ansiedade está em torno de 28,6%, o que em partes, corrobora com os fatores associados aos TMC encontrados nesta pesquisa.

Dos dados coletados, aqueles estudantes que tiveram o ponto de corte  $\geq 7$  com 38 (51%) foram considerados com sintomas físicos ou psicoemocionais de transtornos mentais comuns, nesse sentido, trabalho que identificou scores de risco para transtornos mentais em

estudantes de escolas profissionalizantes teve uma associação de 55,3% o que denota similaridade com os que foram encontrados nesta pesquisa (Oliveira et al., 2020).

É importante, desde que em medidas cabíveis, introduzir no estudante uma percepção de segurança e um sentido de integralidade. Mediante um sistema de crenças o indivíduo tem um marco que estrutura cognitivamente os eventos e as experiências que são imprevisíveis para seu neurodesenvolvimento (Silva et al., 2018). Estudos apontam que o estigma só é internalizado, quando o indivíduo tem consciência do que é a ele atribuído, concordando e aplicando a si próprio os estereótipos negativos sobre a doença (Nascimento, e Leão, 2019). Para isso, as redes de atenção à saúde mental devem trabalhar e movimentar o cuidado da assistência com foco nas grandes esferas da vida e nos fatores individuais (Luz et al., 2018).

Vale ressaltar que a denominação de TMC não induz ao modelo vertical hospitalocêntrico e de institucionalização da pessoa em adoecimento e nem a medicalização, mas ao contrário, traz a pessoa que se encontra em vulnerabilidade e manifestando sinais de sofrimentos a suas origens psicossociais (Falco et al., 2019).

#### **4. Considerações Finais**

Os transtornos mentais comuns são problemas importantes para indivíduos jovens que estão no ensino superior. Os sintomas psicossomáticos são alertas que podem ser observados desde os semestres iniciais da graduação necessitando de intervenções e apoio nos diferentes cenários acadêmicos que o indivíduo ocupa.

O estudo identificou os sintomas associados a transtornos menores psicóticos na população em estudo pelo questionário *Self-Report* com dimensões físicas e psicoemocionais específicas e score significativo. O principal problema identificado através dessa investigação foi o TMC, sendo acompanhado de sintomatologia geralmente caracterizada por relatos de ansiedade, tensões e tristeza relacionada ao contexto dos desafios e adaptações que a universidade exige, assim como mudanças de humor.

A realização desse estudo evidenciou a importância de ações multiprofissionais que possam oferecer suporte a estudantes de graduação ajudando-lhes a enfrentar o processo de adaptação, com estratégias que facilitem o processo da organização pessoal e desenvolva o cuidado com a saúde mental. A amostra, mesmo que representativa, se restringiu a apenas uma universidade o que pode ter contribuído para os altos índices de TMC. Essa limitação pode fomentar o interesse por novos estudos que indiquem não apenas a suspeição do TMC,

mas também a relação entre os transtornos mentais e as diferentes áreas que influenciam na saúde mental.

## Referências

Aquino, D. R., Cardoso, R. A., & Pinho, L. (2019). Sintomas de depressão em universitários de medicina. *Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil*, 39(96), 81-95. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v39n96/v39n96a09.pdf>

Ariño, D. O., & Bardagi, M. P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Revista psicologia em pesquisa*, 12(3) 44-52. doi: 10.24879/2018001200300544.

Barbosa, M. C., Vasconcelos, C. R., & Oselame, G. B. (2016). A percepção do acadêmico de enfermagem sobre a loucura. *Revista Enfermagem Atenção e Saúde*, 5(2), 3-17. Recuperado de <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/enfer/article/view/1516/pdf>.

Borba, L. O., Maftum M. A., Vayego, S. A., Mantovani, M. F., Felix, J. V. C., & Kalinke, L. P. (2018). Adherence of mental therapy for mental disorder patients to drug health treatment. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 52, 1-10. doi: 10.1590/S1980-220X2017006603341.

Brasil. (2014). *Protocolo de atenção à saúde mental e trabalho*. Secretária de Saúde do Estado da Bahia. Superintendência de vigilância e proteção da saúde. Centro estadual de referência a saúde do trabalhador, p.1-60. Recuperado de <https://central3.to.gov.br/arquivo/276627/>.

Bührer, B. E., Tomiyoshi, A. C., Furtado, M. D., & Nishida, F. S. (2019). Análise da qualidade e estilo de vida entre acadêmicos de medicina de uma instituição do norte do Paraná. *Revista brasileira de educação médica*, 43(1), 39-46. doi: 10.1590/1981-52712015v43n1rb20170143.

Esperón, J. M. T. (2017). Pesquisa quantitativa na ciência da enfermagem. *Revista Escola Anna Nery*, 21(1), 1-2. doi: 10.5935/1414-8145.20170027.

Falco, C.B., Fabri, J. M. G., Oliveira, E. B., Silva, A. V., Faria, M. G. A., & Kestenberg, C. C. F. (2019). Transtornos mentais comuns em residentes de enfermagem: uma análise a partir do Self Reporting Questionnaire. *Revista de enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro*, 27,1-7. doi: 10.12957/reuerj.2019.39165.

Fernandes, D. A. A., Ferreira, N. S., & Castro, J, G, D. (2016). Perfil Epidemiológico das tentativas de suicídio em Palmas-Tocantins. *Revista Tempus, actas de saúde coletiva*, 10(4), 9-23, doi: 10.18569/tempus.v11i1.2016.

Fernandes, M. A., Vieira, F. E. R., Silva, J. S., Avelino, F. V. S. D., & Santos, J. D. M. (2018). Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(5), 2169-75. doi: 10.1590/0034-7167-2017-0752.

Gonçalves, D. M., Stein, A. T., & Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Revista Caderno de Saúde Pública*, 24(2), 380-90. doi: 10.1590/ S0102-311X2008000200017.

Guirado, G. M. P., & Pereira, N. M. P. (2016). Uso do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) para determinação dos sintomas físicos e psicoemocionais em funcionários de uma indústria metalúrgica do Vale do Paraíba/SP. *Revista Caderno de Saúde Coletiva*, 24(1), 92-98. doi: 10.1590/1414-462X201600010103.

Hellwig, N., Munhoz, T. N., & Tomasi, E. (2016). Sintomas depressivos em idosos: estudo transversal de base populacional. *Revista Ciências e Saúde Coletiva*, 21(11), 3575-3584. doi: 10.1590/1413-812320152111.19552015.

Jacinto, A., & Tolfo, S. R. (2017). Fatores psicossociais de risco no trabalho e Transtorno Mental Comum: uma revisão sistemática de estudos que utilizaram os instrumentos JCQ, JSS e SRQ-20. *Revista Psicologia IMED*, 9(2), 107-124. doi: 10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1432.

Leão, A. M., Gomes, I. P., Ferreira, M. J. M., & Cavalcanti, L. P. G. (2018). Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(4), 55-65. doi: 10.1590/1981-52712015v42n4rb20180092.

Lima, M. C. P., Ramos- Cerqueira, A. T. A., Dantas, C. L., Lamardo, J. R., Reis, L. E. C., & Torres, A. R. (2017). O trote e a saúde mental de estudantes de medicina. *Revista brasileira de educação Médica*, 41(2), 210-220. doi: 10.1590/1981-52712015v41n2RB20160025.

Lima, S. O., Lima, A. M. S., Barros, E. S., Varjão, R. L., Santos, V. F.; Varjão, L. L.; Mendonça, A. K. R. H., Nogueira, M. S.; Deda, A. V., & Jesus, L. K. A. (2019). Prevalência da Depressão nos Acadêmicos da Área de Saúde. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(1), 1-14. doi:10.1590/1982-3703003187530.

Luz, R. T., Coelho, E. A. C., Teixeira, M. A., Barros, A. R., Carvalho, M. F. A. A., & Almeida, M. S. (2018). Saúde Mental como Dimensão para o cuidado de adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(suppl 5), 2212-2219. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0192.

Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da covid-19. *Revista Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37(1), 1-8. doi:10.1590/1982-0275202037e200067.

Martins, A. M. E. B. L., Nascimento, J. E., Souza, J. G. S., Sá, M. A. B., Feres, S. B. L., Soares, B. P., & Ferreira, E. F. (2016). Associação entre transtornos mentais comuns e condições subjetivas de saúde entre idosos. *Revista Ciências e Saúde Coletiva*, 21(11), 3387-3398. doi: 10.1590/1413-812320152111.07842015.

Nascimento, L. A., & Leão, A. (2019). Estigma social e estigma internalizado: a voz das pessoas com transtorno mental e os enfrentamentos necessários. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 26(1), 103-121. doi: 10.1590/S0104-59702019000100007.

Oliveira, E. B., Zeitoune, R. C. G., Gallasch, C. H., Pérez Jr, E. F., Silva, A. V., & Souza, T. C. (2020). Common mental disorders innursing students of the professionalizing cycle. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), ed20180154. doi: 10.1590/0034-7167-2018-0154.

Penteado, R. Z., & Souza Neto, S. (2019). Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. *Saúde e Sociedade*, 28(1), 135-153. doi: 10.1590/s0104-12902019180304.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Catarina: UFSM.

Portugal, F. B., Campos, M. R., Gonçalves, D. A., Mari, J. J., & Fortes, S. L. C. L. (2016). Qualidade de vida em pacientes da atenção primária do Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil: Associações com eventos de vida produtores de estresse e saúde mental. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 21(2), 497-508. doi: 10.1590/1413-81232015212.20032015

Prado, A. L., & Bressan, R. A. (2016). O estigma da mente: transformando o medo em conhecimento. *Revista Psicopedagogia*, 33(100), 103-109. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n100/12.pdf>.

Rebula, U. (2017). *Estatística Aplicada*. São Paulo: Ed. Educare.

Santos, L. S., Ribeiro, I. J. S., Boery, E. N., & Boery, R. N. S. O. (2017). Qualidade de vida e transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. *Revista Cogitare Enfermagem*, 22(4), 1-7. doi: 10.5380/ce.v22i4.52126

Silva, A. F., Robazzi, M. L. C. C., Dalri, R. C. M. B., Monteiro, C. A. S., & Mendes, A. M. O. C. (2018). Transtornos mentais comuns entre trabalhadores de equipe multiprofissional de uma Unidade de Terapia Intensiva brasileira. *Revista iberoam, Educação investimento e Enfermagem* 8(1), 36-46. Recuperado de <https://www.enfermeria21.com/revistas/aladefe/articulo/273/transtornosmentais-comuns-entre-trabalhadores-de-equipe-multiprofissional-de-uma-unidade-de-terapia-intensiva-brasileira>.

Sousa, K. A., Freitas, F. F. Q., Castro, A. P., Oliveira, C. D. B., Almeida, A. A. B., & Sousa, K. A. (2017). Prevalência de sintomas de depressão em idosos assistidos pela estratégia de saúde da família. *Revista Mineira de Enfermagem*, 21, 1-7. doi: 10.5935/1415-2762.20170028.

Sousa, K. H. J. F., Lopes, D. P., Tracera, G. M. P., Abreu, A. M. M., Portela, L. F., & Zeitoune, R. C. G. (2019). Transtornos mentais comuns entre trabalhadores de enfermagem de um hospital psiquiátrico. *Rev. Acta Paul Enfermagem*, 32(1), 1-10. doi: 10.1590/1982-0194201900002.

Sousa, S. Q., Lôbo, I. K. V., Carvalho, A. T., & Vianna, R.P.T. (2019). Associação entre risco de transtornos mentais comuns e insegurança alimentar entre mães com filhos menores de um ano de idade. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 24(5), 1925-1934. doi: 10.1590/1413-81232018245.1701 2017.

Tenório, L. P., Argolo, V. A., Sá, H. P., Melo, E. V., & Costa, E. F. O. (2016). Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. *Revista Brasileira de educação Médica*, 40(4), 574-582. doi: 10.1590/1981-52712015v40n4e00192015.

Treichel, C. A. S., Jardim, V. M. R., Tomasi, E., Kantorski, L. P., Oliveira, M. M., & Coimbra, V. C. C. (2020). Transtornos Psiquiátricos Menores em familiares cuidadores de usuários de Centros de Atenção Psicossocial: Prevalência e fatores associados. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 461-472. doi: 10.1590/1413-81232020252.12532018.

Who (2020). *World Health Organization. Saúde mental: fortalecendo nossa resposta*. Recuperado de <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

João Cruz Neto – 30%

Emanuel Messias Silva Feitosa – 19%

Antonio Coelho Sidrim – 18%

Jaciелiton Martins Teles da Silva Moraes – 17%

Cleide Correia de Oliveira – 16%